

CARTOGRAFIA DAS PESQUISAS SOBRE TRAVESTILIDADES NA EDUCAÇÃO: Um olhar para os Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* do Brasil

JORGE, Romário Silva ¹
REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira ²

RESUMO: O presente texto debulha parte dos caminhos trilhados, assim como os resultados encontrados com a pesquisa intitulada “*É babado!*”: *(Escre)vivências educativas de uma jovem travesti da roça*, desenvolvida no âmbito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), situada em Vitória da Conquista - BA. O recorte que aqui apresentamos objetivou traçar um mapa das discussões sobre travestilidades na educação, tomando como referência as dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação no cenário brasileiro. Para a produção dos dados, fizemos uma revisão bibliográfica do tipo Estado do Conhecimento. Com um olhar pós-crítico, analisamos quantitativa e qualitativamente um conjunto de produções mapeadas em dois importantes bancos de dados, cartografando as tendências teórico-metodológicas, as problematizações, os achados e as fissuras abertas por elas no panorama acadêmico-científico. Em linhas gerais, os resultados apontam a existência de apenas nove trabalhos sobre o tema em questão, no recorte temporal escolhido por nós (2004 – 2022), os quais analisam experiências escolares de pessoas travestis e destacam que “multidões queer” (Preciado, 2011) não são mais corpos dóceis, ou seja, elas têm criado linhas de fuga, resistindo aos discursos cisgênero, à heteronormatividade e às biopolíticas que almejam situá-las no campo da abjeção. Nota-se uma carência de estudos voltados para a análise de aspectos que se interseccionam e influem em processos de subjetivação, como ser travesti da/na roça.

Palavras-chave: educação; trajetória escolar; travesti; multidões *queer*; subjetivação.

1 INTRODUÇÃO

POUPE-NOS E NOSSOS FILHOS DE CONVIVEREM COM GENTE DA LAIA
DE VOCÊS!!!! GENTE DE COR E AINDA POR CIMA AFEMINADA NÃO
ESTÁ NO NÍVEL DOS QUE MORAM AQUI POR FAVOR SE RETIREM!!!!!!!!!!

O excerto que abre esta seção introdutória foi pinçado de uma carta anônima enviada pelos moradores de um condomínio, no Rio de Janeiro, em 2017, ao casal

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Coordenador Pedagógico na Rede Estadual de Ensino da Bahia. E-mail: rom.mario080694@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Geral (UFMG). Professora Titular na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: sonia_uneb@hotmail.com.

homosafetivo Junior Santos, de 24 anos, e Maycon Aguiar, de 23 anos. A carta, escrita em letras garrafas, evidencia o discurso de ódio fomentado por uma sociedade que ainda se sustenta sob os pilares cisgênero e heteronormativo, os quais dão munição para o massacre de pessoas que integram a comunidade LGBTI+³ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, intersexuais...) no Brasil⁴ e no mundo afora.

A LGBTIfobia segue afetando o direito à vida e à liberdade de pessoas que possuem identidades de gênero e sexualidade dissidentes, como as travestis. No dizer de Miskolci e Pelúcio (2007, p. 263), “as travestis, diferentemente das *drags-queens*, não vivem personagens, ainda que, como aquelas, denunciem (mesmo que sem uma intencionalidade) que o gênero é sempre construção e aprendizado”. Com sua presença marcada pela abjeção, elas transitam aquelas “zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito” (Butler, 2007, p. 155).

Na educação, de modo especial, crianças, jovens, adultos e idosos *queer*⁵ se esforçam para construir bifurcações, mesmo quando as tecnologias ali presentes almejam expulsá-los do espaço escolar. Trata-se de sujeitos monstruosos, “bichinhas do capeta” (Oliveira, 2020, p. 28) que questionam currículos e dispositivos empregadas para controlar seus corpos em (forma)ação.

A pesquisa que aqui debulhamos emergiu do supracitado amálgama e objetivou verificar as tendências que permeiam as produções nos Programas de Pós-graduação (PPGs) *Stricto Sensu* do Brasil, no recorte temporal de 2004 a 2022, com ênfase para as experiências escolares de pessoas travestis. Ao longo deste trabalho, apresentamos esquematizações, tabelas, quadros e gráficos que evidenciam os percursos trilhados ao longo desse fazer cartográfico.

Nos limites da nossa ação, ousamos somente esboçar um mapa das tendências que circundam essas produções. Ao fazê-lo, compartilhamos aquilo que

³ Há muitos debates sobre qual é a sigla mais adequada para designar a diversidade sexual e de gênero. “Historicamente, muitas foram as formas assumidas pela “sopa de letrinhas” para dar nome à comunidade” (Quinalha, 2022, p. 11). Porém, não há uma instância oficial de validação das siglas, que surgem de disputas e negociações em torno de regimes de visibilidade. Neste texto, optamos pela sigla LGBTI+, por se tratar de “[...] uma formulação mais consensual no âmbito do movimento organizado do Brasil, incluindo pessoas intersexo e com um sinal de “+” que expressa o caráter indeterminado” (Quinalha, 2022, p. 11).

⁴ Dossiê organizado por Bruna G. Benevides, presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), revelou que, “Em 2023, houve um aumento de mais de 10% nos casos de assassinatos de pessoas trans em relação a 2022” (Benevides, 2024, p. 6). Com isso, o Brasil figura, pelo 15º ano consecutivo, como o país que mais assassinou pessoas trans.

⁵ *Queer* é um termo utilizado para representar as pessoas que não se identificam com as normas de gênero impostas pela sociedade e transitam entre elas, sem se apegar aos rótulos. A palavra vem do inglês e pode ser traduzida como “aquilo/aquele(a) que é estranho”. Com o passar do tempo, o termo foi incorporado pela comunidade LGBTI+ como uma expressão de orgulho e autoidentificação.

se tem discutido sobre as travestilidades na educação básica, contribuindo para o desmonte das “fronteiras da discórdia” (Albuquerque Júnior, 2012) erguidas pelos dogmas neoconservadores.

2 METODOLOGIA

Na condução da nossa empreita investigativa, percorremos os caminhos ditos pós-críticos, os quais rejeitam as “descobertas” que se apresentam como universais e detentoras de verdades absolutas. Ao invés disso, “apontam para a abertura, a transgressão, a subversão, a multiplicação de sentidos e para a diferença” (Paraíso, 2004, p. 285). Nos esforçamos, então, para criar um mapa – ele que, segundo Deleuze (1992), é um composto de linhas que se conectam e está sempre aberto a modificações. Isso porque, enquanto um mapeamento é feito, o campo investigativo está se movimentando e ganhando outros contornos, sentidos e direcionamentos.

Para cartografarmos as dissertações e teses desenvolvidas nos PPGs *Stricto Sensu* do Brasil, na área da Educação, construímos um Estado do Conhecimento, com o intuito de “conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito” e, com isso, “[...] dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade” (Ferreira, 2002, p. 259).

Nessa perspectiva, elegemos como fontes de consulta o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), dois importantes bancos de dados que armazenam boa parte da produção científica brasileira, contribuindo sobremaneira para a divulgação de novos conhecimentos.

Na seleção dos textos, atentamos ao período compreendido entre os anos 2004, que remete aos movimentos que resultaram na instituição do Dia da Visibilidade Trans, e 2022, quando a pesquisa em questão começou a ser gestada. Como estratégias de filtragem, recorremos aos descritores *Travesti* e *Educação*, combinados ao operador booleano⁶ AND. No que pese aos critérios de exclusão, fizemos a leitura dos títulos e resumos, excluindo (1) as dissertações e teses que não tinham relação direta com

⁶ Os termos empregados para a busca podem ser combinados utilizando-se os operadores booleanos “AND”, “OR” ou “NOT”, para colaborar com a estratégia de filtragem da busca. Entre os descritores, comumente, usa-se o “AND”, com o objetivo de localizar estudos que versem sobre diversos temas, ou seja, que apresentem intersecções (Pereira; Galvão, 2014).

a educação básica e (2) não enfocavam a pessoa travesti como sujeito, além daquelas (3) repetidas e (4) com restrições de acesso. Com os achados em mãos, procedemos com a leitura flutuante, sem perder de vista os seguintes questionamentos: O que os pesquisadores têm olhado sobre o tema em pauta? Por que e como o olham?

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção do esboço de um mapa implica o desenvolvimento de um olhar cuidadoso para as linhas que se entrecruzam e oferecem uma projeção da paisagem e dos lugares que se pretende registrar. Essa tarefa exige de nós certo distanciamento para que possamos ter uma visão mais panorâmica do todo, fato este que não nos impede de assumir alguns posicionamentos e construir, em sintonia com os autores que dialogamos, isso que denominamos de a arte do cartografar.

Deleuze (1992, p. 47) nos mostrou que “[...] as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos”, o que nos leva a compreender cada uma das produções como uma linha que se junta a outras, compondo uma geografia das tendências que circundam o campo e o recorte temático. Cientes das especificidades de cada uma delas, buscamos somente apontar os caminhos e movimentos, analisar os espaços e os devires desse território (Deleuze, 1992).

Ao garimparmos as bases de dados, encontramos um total de 182 referências: 29 no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e 153 no BDTD/IBICT. Após a leitura dos títulos e resumos, aplicados os critérios de exclusão (ver quadro 1), chegamos a um montante de nove trabalhos (duas teses e sete dissertações).

Quadro 1. Aplicação dos critérios de exclusão

Critérios de Exclusão	Bancos de Dados	
	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	BDTD/IBICT
a) Sem relação direta com a educação básica	14	109
b) Não enfocam a pessoa travesti como sujeito	08	33
c) Estudos repetidos	00	09
d) Apresentam restrições de acesso	03	02
Referências selecionadas e lidas na íntegra →	04	05

Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

Notamos que a produção do conhecimento sobre as trajetórias de pessoas travestis na educação básica se concentra entre os anos 2009 e 2018, especialmente em 2014, como podemos perceber na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição das produções por ano

Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES																			
Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Resultado	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do IBICT																			
Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Resultado	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0

Fonte: elaborada pelos autores, 2023.

Nossa aposta é que a inexistência ou pouca incidência de produções acadêmicas, no recorte espaço-temporal que fizemos, comprometidas com um modo de dizer “sobre” e “com” as pessoas travestis a respeito das suas trajetórias escolares, pode ser reflexo de um sistema de opressões que se ocupa da desumanização das multidões *queer* (Preciado, 2011), seja na escola ou em outras instâncias sociais.

No que se refere às abordagens teórico-metodológicas empregadas nas diversas maneiras de pensar/fazer pesquisa sobre e com pessoas travestis na educação básica, garimpamos as seguintes informações:

Tabela 2. Categorização teórico-metodológica

Ano	História Oral	Teoria Queer	Cartografia	Etnografia	Estudos Feministas	Estudos Culturais	Teoria Sociológica de Bourdieu
2004	0	0	0	0	0	0	0
2005	0	0	0	0	0	0	0
2006	0	0	0	0	0	0	0
2007	0	0	0	0	0	0	0
2008	0	0	0	0	0	0	0
2009	1	1	0	0	1	1	0
2010	0	0	0	0	0	0	0
2011	0	0	0	0	0	0	0
2012	1	1	0	1	0	0	0
2013	0	0	0	0	0	0	0
2014	0	3	1	0	1	0	1
2015	0	0	0	0	0	0	0
2016	0	1	0	0	0	0	0
2017	0	1	0	0	0	0	0
2018	0	1	0	1	0	0	0
2019	0	0	0	0	0	0	0
2020	0	0	0	0	0	0	0
2021	0	0	0	0	0	0	0
2021	0	0	0	0	0	0	0
Total	2	8	1	2	2	1	1

Fonte: elaborada pelos autores, 2023.

Em síntese, oito trabalhos estão inseridos no rol das pesquisas pós-críticas em educação, as quais “não gostam de explicações universais, nem de totalidades, nem de completudes ou plenitudes. [...] Não se preocupam com comprovações daquilo que já foi sistematizado na educação, nem com “revelações” ou “descobertas” (Paraíso, 2004, p. 286), instaurando modos alternativos e mais livres de se fazer pesquisa.

Nessas mesmas referências, identificamos uma tendência ligada à utilização da abordagem qualitativa. Apenas um trabalho empregou a combinação quanti-qualitativa no momento da produção e análise dos dados. Imaginamos que essa incidência se dê por conta da natureza do objeto, além das particularidades locais, temporais e situacionais em que essas pesquisas foram desenvolvidas.

Os pesquisadores dos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* brasileiros têm evocado várias perspectivas teórico-metodológicas. Dos achados, oito recorreram à Teoria Queer e, ao mesmo tempo, procuraram estabelecer relações com a História oral, a Cartografia, a Etnografia, os Estudos Feministas e os Estudos Culturais. Encontramos ainda uma referência que não se diz pós-crítica e utiliza a Teoria Sociológica de Pierre Bourdieu com método analítico.

Essa diversidade teórico-metodológica é característica das pesquisas pós-críticas em educação, pois rompem com a lógica das fontes e meios únicos para investigar sobre determinadas coisas. Através de suas premissas, as articulações teóricas ganham contornos menos rígidos e orientam uma construção metodológica capaz de “interrogar os textos, encontrar outros caminhos, rever e problematizar os saberes produzidos e os percursos trilhados por outros” (Paraíso, 2021, p. 27).

As Tabelas 03 e 04 apresentam informações adicionais a respeito das produções mapeadas, a saber: formato – se dissertação ou tese –, PPG e Universidade a que se vinculam, nome dos autores e título.

Tabela 3. Produções selecionadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Ano	Tipo	Origem	Autor	Título
2012	Tese	PPG em Educação – Universidade Federal do Ceará (UFC)	ANDRADE, Luma Nogueira de	Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa
2014	Tese	PPG em Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	SILVA, Aline Ferras da	Currículo e diferença: cartografia de um corpo travesti
2016	Dissertação	PPG em Educação – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	ACOSTA, Tássio	Morrer para nascer Travesti: performatividades, escolaridades e a pedagogia da intolerância.

	Dissertação	PPG em Ensino – Universidade Federal Fluminense (UFF)	JUNIOR, Waldyr Barcellos	Trajetórias escolares das travestis do interior: história, (des)aprendizagens e educação
--	-------------	--	-----------------------------	---

Fonte: elaborada pelos autores, 2023.

Tabela 4. Produções selecionadas no BDTD/IBITC

Ano	Tipo	Origem	Autor	Título
2009	Dissertação	PPPG em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	BOHM, Alessandra Maria	Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis
2012	Dissertação	PPG em Educação para a Ciência e a Matemática – Universidade Estadual de Maringá (UEM)	SHIMURA, Joyce Mayumi	Memórias escolares de travestis: a formação dos sujeitos nos discursos da ciência
2014	Dissertação	PPG em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	BARROS, Daniela Torres	A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistências
2014	Dissertação	PPG em Educação Escolar – Universidade Estadual Paulista (UNESP)	OLIVEIRA, Carina Dantas de	Travestilidade e juventudes: conteúdos submersos no contexto escolar
2017	Dissertação	PPG em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará (UFC)	GOMES FILHO, Antoniél dos Santos	Experiências educacionais e sociais de travestis no Ceará: um estudo comparado em Juazeiro do Norte e Canindé

Fonte: elaborada pelos autores, 2023.

Os estudos foram desenvolvidos em PPGs *Stricto Sensu* acadêmicos, sendo quatro em Educação, um em Educação Brasileira, um em Educação Escolar, um em Ensino, um em Educação para a Ciência e Matemática e um em Psicologia. Eles se intercambiam no que tange ao esforço de trazer à tona as trajetórias escolares de pessoas travestis na educação básica, a partir de narrativas singulares.

Os ditos e os não ditos, os resultados, as problematizações, os contextos particulares e as histórias de vida cartografadas pelas lentes dos pesquisadores que a nós se juntaram, nos permitem textualizar que, até o momento, as produções nos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* do Brasil, explorando as experiências escolares de sujeitos travestis, ocorrem muito timidamente, sobretudo quando se tem em mente que nossas buscas compreenderam o período de 2004 a 2022, perfazendo um total de 19 anos de um quase silêncio.

Tememos que a ausência e/ou pouca incidência de pesquisas desenvolvidas *sobre e com* as pessoas travestis seja o reflexo do fortalecimento de um sistema de opressões capaz de assassiná-las (física e psicologicamente), jogando-as cada vez

mais para os cantos inabitáveis, os abjetos (Butler, 2011) – contraditoriamente, com o reforço dos currículos escolares.

Felizmente, como apontaram a maioria das experiências analisadas nas produções que aqui mapeamos, as crianças, jovens, adultos e idosos *queer*, especialmente as travestis, não são mais corpos dóceis. De acordo com Preciado (2011, p. 15), “identificações estratégicas, desvios das tecnologias do corpo e desontologização do sujeito da política sexual são algumas das estratégias políticas das multidões *queer*”. Elas têm resistido às biopolíticas e construído novos modos de subjetivação dos seus corpos, criando redes de amizade e sociabilidade, na escola e em outros lugares. Ao mesmo tempo, tem questionado currículos à moda dos “alunos que ensinam professores a ser professores em escola que não é mais escola” (Victório Filho; Silva; Nascimento; Silveira, 2017, p. 597).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora com alguns limites, em virtude da falta de cobertura de outros repositórios, bem como das pesquisas defendidas após o período de seleção dos materiais, podemos afirmar que o mapa que esboçamos traz elementos interessantes no que se refere à produção de conhecimentos: Assinala a necessidade de novas pesquisas em educação que nos permitam garimpar e/ou construir possibilidades pedagógicas subversivas, com foco na instauração de práticas educativas mais acolhedoras. Além disso, nos mostra que é salutar empreender investigações que partam das experiências e modos de subjetivação de pessoas travestis, considerando os diversos aspectos que se interseccionam e influem na constituição da sua identidade: gênero, raça, condições econômicas e sociais...

Enfim, salientamos que o presente estudo incita novos debates, incômodos e investimentos nos meios acadêmico-científico e educacional, de tal forma que esses sujeitos, entendidos como estranhos, desregulados, monstros, bichinhas, um “diabo em forma de gente” (Oliveira, 2021, p. 23), possam gozar de experiências educativas mais felizes e nos ensinar a performar existências humanamente possíveis.

Agradecemos a Janaína Silva, jovem travesti da roça, natural de Palmeiras – Bahia, ela que, com sua história de vida subversiva, nos acompanhou na empreita investigativa que resultou no estudo que aqui apresentamos. Agradecemos também ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pelo suporte e articulações que viabilizaram a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. – 3. Ed. – São Paulo: Edições MMM, 2012.

BUTLER, Judith. Vida Precária. **Contemporânea**, n. 1 p. 13-33, jan./jun. 2011. Disponível em:
<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18>. Acesso em: 26 dez. 2022.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Gaucira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, ago. 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2022.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Pelúcio. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Revista Gênero**, Niterói, v. 7 n. 2 (2007). Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30980>. Acesso em: 27 dez. 2022.

O ESTADO DE S. PAULO. Casal Gay recebe recado homofóbico e racista em condomínio. O **Estado de S. Paulo**, 25 jan. 2017. Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/casal-gay-recebe-recado-homofobico-e-racista-em-condominio/>. Acesso em: 24 dez. 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (re)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 1 ed. Salvador: Devires, 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/JrF5H8r96wRTvTDLSzhYpcM/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 20 dez. 2022.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann. PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021, p. 25 – 47.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 11-20, janeiro-abril/2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

VICTORIO FILHO, Aldo; SILVA, Pâmela Souza da; NASCIMENTO, Rodrigo Torres; SILVEIRA, Victor Junger. Alunos ensinam professores a ser professores na escola que não é mais escola. **Educação**, v. 42, n. 3, p. 597–614. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644429956>. Acesso em: 28 dez. 2022.